

Meritocracia para elites

Jovens talentosos de escolas públicas inglesas estão sendo privados do acesso às melhores universidades

Simon Targett
Financial Times

Oxford e Cambridge admitem cerca da metade de seus alunos de graduação vindos de escolas independentes pagas: é uma estatística que embraça as instituições porque menos de 10% das crianças da Inglaterra são instruídas em escolas particulares. As duas tradicionais universidades tentaram corrigir o desequilíbrio, notadamente com o abandono do exame vestibular exclusivo, que foi considerado uma forma de privilegiar as escolas particulares capazes de oferecer ensino adicional aos seus alunos.

No último ano, sob a pressão de um governo que adota uma estratégia educacional para "os muitos, não os poucos", as duas instituições deram novos passos. A Oxford enviou um vídeo de recrutamento a todas as escolas estatais, enquanto a Cambridge distribuiu cartazes luxuosos destinados a atrair alunos que nunca tinham pensado anteriormente, uma vez sequer, em se candidatar a uma dessas "faculdades de elite".

Mas, para Peter Lampl, um milionário que se fez por si e está por trás do programa do governo para construir pontes entre os setores privado e estatal, isso constitui "apenas um paliativo", que não mudará a proporção entre alunos de escola particular e escola pública apenas com um MA depois de seus nomes.

Por esse motivo, ele está destinando parte de sua fortuna pessoal a uma série de cursos de férias — em Oxford e Cambridge, assim como em Bristol e Nottingham, duas das principais universidades de cidades próximas a Londres —, de modo que os alunos brilhantes dos cursos secundários possam experi-

mentar o que é ir para uma universidade britânica de primeira linha.

Lampl, que ganhou sua fortuna como fundador e "chairman" da Sutton Company, empresa de investimentos, estudou em escolas públicas em Reigate e Cheltenham, antes de conquistar uma vaga em Oxford na década de 1960.

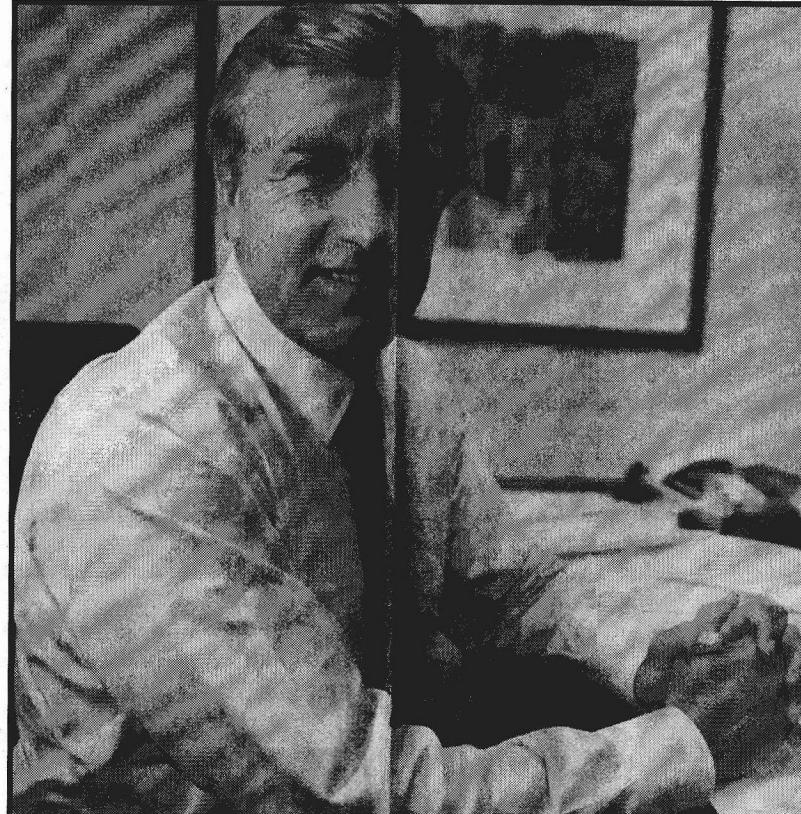
Depois de obter diploma em Química, ingressou na área de consultoria administrativa, viajando aos Estados Unidos e Europa como funcionário do Boston Consulting Group, e foi só quando regressou à Inglaterra em meados dos anos 80 que descobriu que os alunos das escolas públicas não estavam mais dominando o ingresso em Oxford e Cambridge, como acontecera no final dos anos 60 e começo dos 70.

A mudança — uma consequência de as escolas públicas passarem à condição de curso abrangente ou, no caso de escolas de doações diretas, se unirem ao setor privado — era alarmante. Entre outras coisas, significou que as universidades estavam provavelmente perdendo estudantes brilhantes de família pobre.

"O pai do meu melhor colega era um motorista de ônibus de Rhondda Valley e é assustador pensar que ele poderia não passar pelo sistema hoje." Este amigo, que Lampl preferiu não identificar, é hoje membro da Royal Society, professor de Nottingham University e "poderá conquistar o Prêmio Nobel um dia".

Lampl encomendou algumas pesquisas e descobriu o que classifica de uma "estatística horrível", ressaltando que o problema de Oxford e Cambridge não consiste apenas no equilíbrio entre escolas privadas e públicas, mas também entre escolas "seletivas" e "não-seletivas".

"Se você retirar os garotos das escolas públicas seletivas", diz Lampl, referindo-se às "grammar schools"



Peter Lampl: "Quem entra em Oxford ou Cambridge está feito"

(altamente seletivas em termos de habilidades gerais) e às do sistema "comprehensive" (escolas genéricas e menos rigorosas na seleção dos alunos, como a London Oratory, onde estudam os dois filhos de Tony Blair), "o número de garotos que vão a Oxford seria de 20%". Isso, acredita, é chocante, um maciço desperdício. Porque a evidência é de que pessoas talentosas estão sendo privadas de acesso às melhores universidades da Inglaterra.

Oxford pode não ter encabeçado a lista das melhores universidades publicada pelo "Financial Times" no começo de abril, mas supera Cambridge em prestígio internacional, segundo Lampl.

"Oxford e Cambridge possuem uma incrível reputação mundial — especialmente Oxford, devido à bolsa de estudo Rhodes", diz ele.

dos Unidos (as da Costa Leste, como Harvard, Princeton e Yale).

No curso de verão, os sextanistas de escola secundária passam uma semana como estudantes de universidade, participando de aulas e eventos sociais. Tudo é pago, incluindo alojamento, refeições, transporte e ensino.

Há dois anos, o Sutton Trust, a fundação benéfica de Lampl, financiou um curso de verão para 60 alunos de escolas públicas sem histórico recente de envio de alunos para seleção entre as universidades de prestígio.

Do total, um quarto ingressou em em curso de graduação em Oxford ano passado. Incentivado por este sucesso, o fundo dobrou o número de vagas no ano passado e estendeu a iniciativa a Cambridge, Bristol e Nottingham. Deste grupo, 31% dos participantes de Oxford e 36% de Cambridge receberam ofertas de vaga nos cursos de graduação altamente competitivos. Neste ano, haverá 250 lugares no curso de verão de Oxford, 120 em Cambridge e 75 em Bristol e Nottingham.

Lampl gostaria de ver o curso de verão de Oxford atender mil alunos. "Se isso acontecesse — o curso de verão de Harvard tem cerca de 1,5 mil alunos —, e digamos que cerca de 30% entrassem, seriam 300 garotos, o que não é simbólico. Teria impacto em toda a universidade."

Lampl sabe, entretanto, que pode não ocorrer transformação da noite para o dia — e, em parte devido a isto, seus próprios filhos, ainda na infância, serão formados em escolas particulares. "Eu gostaria de mandá-los a escolas públicas, mas minha mulher não quer saber disso", justifica. "Quem freqüentar uma das 100 melhores escolas independentes (não incluindo os internatos), que são respon-

sáveis por cerca de 25% dos admitidos em Oxford e Cambridge, suas probabilidades de ingressar em uma delas são cerca de 100 vezes maiores do que se tivesse estudado em uma 'escola genérica'." O que modificaria tudo seria a reforma global do sistema de admissão. Lampl gostaria que Oxford e Cambridge seguissem o sistema americano.

"Oxford e Cambridge não fazem praticamente nada em recrutamento", diz ele, especialmente em comparação com Harvard. Nesta universidade, a mais antiga dos Estados Unidos, cerca de 60 funcionários em tempo integral estão encarregados de procurar bons candidatos. Em Oxford e Cambridge existem apenas um punhado de pessoas que cuidam da seleção, mais acadêmicos dos "colleges", responsáveis pelo trabalho apenas em meio-período.

Lampl acolhe bem a discriminação positiva na Inglaterra do tipo que é popular nos Estados Unidos.

"Harvard diz 'vamos aceitar um garoto de bairro pobre e ele poderá apresentar desempenho acadêmico inferior, e sabemos que ele não vai obter um diploma tão bom quanto um garoto de uma boa escola particular, mas ele vai sair pelo mundo e fará uma enorme diferença'."

Lampl estima que Oxford poderia gastar apenas 1,5 milhão de libras para ter um sistema no modelo americano, acrescentando que a soma "não é muita se considerarmos que estão sendo selecionados futuros líderes de nossa sociedade."

Até que isso aconteça, Lampl teme que Oxford e Cambridge não assistam a qualquer mudança profunda em seus estudantes. "Sou um 'meritocrata'. Acredito em igualdade genuína de oportunidade, mas creio que estamos muito longe disso na Inglaterra", afirma.

69% dos alunos que atingem pelo menos três notas "A" vêm de escolas públicas